

Concepções de juventude, experimentação da violência, consumo cultural, vida e morte (2002/2004)

Nosso ponto de partida para uma reflexão sobre jovens/juventudes na cidade de São Paulo encontra-se no convite que recebemos, em 2002, do Departamento de Investigações da Universidade Central (DIUC¹, Bogotá, Colômbia), para participar de uma rede internacional de investigadores e realizar uma reflexão conjunta sobre culturas juvenis em centros urbanos. A proposta articulava-se ao redor de uma pergunta comum – quais as concepções que os jovens têm sobre vida e morte? – que fazia sentido, e ainda faz, pelos expressivos indicadores da existência de jovens na constituição das sociedades atuais – por seus altos índices de mortalidade e presença maciça na composição das taxas de violência e criminalidade, ora como vítimas, ora como protagonistas – e, ainda, por sua significativa participação nas construções estéticas e culturais da contemporaneidade.

Além disso, os jovens formam um grupo especialmente atingido pelas rapidíssimas transformações no panorama das culturas contemporâneas, em especial aquelas relacionadas às novas mídias e tecnologias; e pareceu-nos fundamental ampliar a compreensão de seus códigos, sensórios e ordens de sensibilidade, modos de ser e de viver o cotidiano, entrelaçados pelo sentido de urgência, destemor, ousadia e desassossego, pela oscilação entre esperança e desencanto, pelo desemprego e consumo inviabilizados e por uma controvertida inserção no campo político.

Tendo em vista a complexidade desse cenário, nosso projeto de inserção na citada rede internacional de pesquisadores ampliou o foco e, aproveitando algumas experiências de pesquisa já acumuladas (Borelli e Ramos, 1985; Borelli, 2000; Rocha, 1992; Rocha, 1998), se propôs a investigar as concepções de jovens urbanos sobre vida e morte, articuladas a uma busca teórica apta a conceber jovens/juventudes e a relacionar vida e morte à experimentação da violência e ao consumo cultural².

O diálogo teórico privilegiou o *cultural studies*, vertente britânica do marxismo cultural e das práticas políticas da *New Left*, em especial Williams (1979, 1992) e Hoggart (1973); seus reconhecidos precursores, Bakhtin (1981, 1987, 1992, 1993) e Gramsci (1986, 2000); e, como sucessores, Martín-Barbero (1997a, 1997b, 1998, 2001) e García Canclini (1990, 1995), considerados representantes dos estudos culturais latino-americanos. Presente, ainda, uma sociologia da cultura francesa – Bourdieu (1991, 1998) –, assim como as contribuições, também francesas, de Certeau (1994, 1995) e Morin (1975, 1976, 1984).

¹ Hoje IESCO (Instituto de Estudios Sociales Contemporâneos. Universidad Central Bogotá, Colômbia).

² O projeto foi encaminhado para avaliação da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), em maio de 2002, e teve o auxílio à pesquisa concedido para o período de 2002 a 2003; o relatório final foi aprovado em 2004, com indicação para publicação; e o livro se encontra no prelo (Borelli, Rocha, Oliveira, et alli, 2009).

Dessa maneira, as concepções de juventude, vida e morte, experimentação da violência e consumo cultural, foram tratadas teoricamente no âmbito da cultura e captadas pelas narrativas que os jovens faziam de si mesmos, dos outros e de sua inserção na vida cotidiana da metrópole; assim como, os bens culturais produzidos e/ou consumidos e apropriados pelos jovens se apresentaram como base e fundamento na compreensão de suas formas de representação e ordens imaginárias. Em outras palavras, os repertórios por eles acumulados, durante suas trajetórias de vida e de vida cultural (Lopes, Borelli e Resende, 2002), tornaram-se suportes de seus relatos sobre ser jovem, experimentar a violência e o consumo cultura e conceber vida e morte.

O princípio de tratar as concepções teóricas no âmbito da cultura e articulá-las às narrativas juvenis expressa uma postura epistemológica em que teoria e metodologia encontram-se intrinsecamente conectadas, em busca da fina sintonia, na qual o princípio teórico demanda a construção de um particular protocolo metodológico de investigação e prática de pesquisa; e este requer, por sua vez, que novas articulações teórico-conceituais sejam propostas, para a finalização da análise dos resultados.

Na definição do protocolo metodológico foram selecionados jovens entre 15 e 24 anos – incluindo os que desempenhavam alguma função efetiva de liderança ou atuavam como formadores de opinião –, moradores da cidade de São Paulo, em bairros com realidades socialmente díspares, como Jardim Ângela, Cidade Dutra, Capão Redondo, Vila Madalena, Pinheiros, Perdizes e Lapa, das regiões sul e oeste da metrópole³. A delimitação deste universo de pesquisa – jovens urbanos moradores da cidade de São Paulo, em zonas de contraste sul e oeste – levou ainda em consideração variáveis como faixa etária, tipo de moradia, gênero, etnia, origem familiar, trajetória educacional, preparação e/ou inserção no mundo do trabalho, assim como consumo cultural e práticas de lazer.

Numa aproximação multimetodológica e multidisciplinar foram coletados dados quantitativos (pesquisas já realizadas em diversos campos do conhecimento, estatísticas oficiais de organismos governamentais e não governamentais, entre outros) que fossem capazes de mapear o cenário de fundo onde se inserem os objetos/sujeitos envolvidos na investigação. O protocolo privilegiou, entretanto, a análise qualitativa e a crítica cultural, por meio da observação da cotidianidade, a apreensão de narrativas e relatos de diversas ordens, produzidos e apropriados por jovens urbanos, e a construção de ferramentas conceituais e instrumentais capazes de garantir a melhor adequação às condições de pesquisa de campo. Tratamos de compartilhar e interagir com os jovens em seus próprios contextos culturais cotidianos e em situações especialmente organizadas para a coleta de informações.

³ O corpus da pesquisa tomou como ponto de partida a leitura e análise do Mapa de Exclusão/Inclusão da Cidade de São Paulo (Sposati, 2000) que indicou a possibilidade do tratamento da classe social e dos mecanismos de inclusão/exclusão juvenil, pelo local de moradia e pelo contraste das condições sócio-econômicas e culturais entre as regiões selecionadas.

Nesse sentido, as técnicas de pesquisa combinaram tanto modalidades quantitativas como qualitativas: questionários estruturados⁴, entrevistas em profundidade⁵, observação etnográfica⁶, oficinas de discussões em grupo⁷ e procedimentos que possibilitassem a compreensão das lógicas das narrativas e práticas juvenis. Ressalta-se desse protocolo metodológico a busca diferenciada dos jovens tanto em locais de origem, quanto em pontos de fluxo. A pesquisa contou ainda com a organização de dois bancos de dados, um deles iconográfico, outro sob o formato de um *clipping*. Realizaram-se igualmente estudos de caso referentes a uma análise midiática (TV, mídia impressa, etc.). Ressalta-se que os relatos juvenis foram, para esta pesquisa, lugares epistemológico e metodológico privilegiados para observar suas representações e formas de socialidade, numa etnografia dos usos que investigou os movimentos de rupturas e continuidades, de enraizamentos e deslocamentos.

Explicitadas as principais escolhas teórico-metodológicas é possível agora apresentar alguns dos resultados alcançados nesta etapa dos trabalhos, relativos às concepções de juventude, à forma como os jovens configuram e experimentam a violência, a vida e a morte e como negociam os sentidos atribuídos pelo consumo e seus mecanismos de inclusão e exclusão.

Jovens urbanos/Juventude

Ser jovem é responder por inserções singulares e experimentar, de forma conflituosa a hierarquia de classes, as desigualdades sociais, a exposição à violência, as condições de gênero e etnia, o acesso ou exclusão ao consumo cultural. Entretanto, ser jovem significa também considerar certas características capazes de configurar alguns padrões comuns a jovens em diferentes condições sociais, entre eles, conflitos geracionais, linguagens próprias, rebeldia, heroísmo e aventura, adesão ao movimento e ao jogo, ligação ao presente e rejeição ao passado, certa recusa à experiência, auto-

⁴ Busca intencional de cerca de 60 jovens em seus locais de origem (regiões sul e oeste) para mapeamento de dados gerais (faixa etária, moradia, condições sócio-econômicas, gênero, etnia, origem familiar, trajetória educacional, relações com o mundo do trabalho, experimentação da violência, concepções de vida e morte, consumo cultural e práticas de lazer).

⁵ Como instrumento qualitativo de coleta adotado em três situações de pesquisa de campo: 1. aplicada para jovens selecionados a partir da análise dos questionários estruturados, respeitando a diversidade de critérios: faixa etária, locais de moradia, condições sócio-econômicas, gênero e etnia; 2. como instrumento de coleta para a busca intencional em territórios juvenis (pontos de encontro e de sociabilidade: clubes, bares, quadras de esporte, shopping centers, praças); 3. na abordagem dos jovens formadores de opinião e lideranças comunitárias.

⁶ Incorporada em três momentos da pesquisa de campo: 1. na definição/consolidação de características, formas e alternativas de sociabilidade, sensibilidade e visualidade manifestadas nos territórios juvenis; e como prévia para realização de entrevistas em profundidade; 2. como instrumento complementar de coleta de informações nos locais de origem dos jovens; 3. filtro para seleção dos participantes nas oficinas de discussão.

⁷ Como meio para promover a interação entre os jovens selecionados; tal seleção considerou a diversidade geográfica, cultural, geracional, étnica e de gênero, que define o universo empírico pesquisado (jovens de 15-17 e 18-24 anos, homens e mulheres, moradores das regiões sul e oeste da cidade de São Paulo).

realização e exaltação da vida privada, ideal de beleza, amor e felicidade, juvenilização e longevidade juvenil (Morin, 1984).

Nesse sentido, as alternativas propostas – jovens e juventudes ao mesmo tempo como referências singulares e gerais – devem dialogar entre si de forma a evitar a exclusão ou correr o risco de compreender a juventude apenas como “etapa, ponte, momento sem consistência ou identidade reduzido a uma mera transição entre grupos de idade” (Martín-Barbero, 1998:23).

Esclarecemos que o conceito de identidade aqui acionado não supõe qualquer conotação de homogeneidade; pelo contrário, reforça a heterogeneidade, a diversidade cultural e a existência de múltiplas juventudes particulares:

Em nenhuma parte do mundo a juventude representa um bloco homogêneo capaz de responder por um conjunto de categorias fixas (...) [Os jovens] trabalham, vão à escola, abraçam algumas causas, mas os referenciais identitários não passam pela fábrica, pela escola, pelo partido. A identidade está em outra parte. São identidades móveis, efêmeras, mutantes, capazes de respostas ágeis e, por vezes, surpreendentemente comprometidas (Reguillo, 1998: 58).

O que se reivindica do ponto de vista conceitual é que os jovens possam emergir não pela negação, pelo “não ser” – criança ou adulto – mas por um estatuto afirmativo que procure dar conta daquilo que realmente representam ou, em outras palavras, da “emergência da juventude como ator social, com estatuto próprio, sensibilidade e expressões próprias, trânsitos urbanos, apropriações e resignificações” (Cubides, Toscano e Valderrama, 1998: X).

Ser jovem é buscar pertencas em coletivos juvenis e descobrir novas formas de “estar juntos”; alguns jovens, em especial aqueles que vivem em grandes cidades, articulam-se preferencialmente em redes de “socialidades” (Maffesoli, 1987), buscando alternativas mais autônomas, e por vezes autogestionárias, de “estar juntos”; o objetivo aparente na formação destes coletivos é o de questionar relações sociais institucionalmente constituídas e imprimir uma marca de independência frente às organizações formais da sociedade. Enquanto muitas das instituições sociais privilegiam o que tem sido conceituado como “sociabilidades” – “indivíduos e suas associações contratuais” –, a “socialidade vai acentuar as dimensões afetiva e sensível, onde se cristalizam as agregações de toda ordem, tênues, efêmeras, de contornos indefinidos” (Maffesoli, 1987:101-102).

Por meio das redes de socialidade, alguns coletivos juvenis se tornam atores sociais, participam e intervêm em processos dentro de suas próprias comunidades, assim como nos espaços públicos das cidades em que residem. Alteram e transformam as estruturas e características originais dos cenários urbanos pela ação da música, teatro, leituras e narrativas, dança e arte popular urbana, entre elas: grafites, pichações, stickers⁸ (Oliveira, 2006); intervêm em

⁸ Os stickers são pequenos adesivos com imagens produzidas por jovens em diferentes centros urbanos; são em geral colados em postes, placas de sinalização, muros e paredes, como formas de apropriação e intervenção urbanas.

movimentos voltados para a ecologia, o meio ambiente, as novas ordens planetárias, entre outras alternativas de participação que adquirem um caráter político por sua intencionalidade e pelas formas por meio das quais se apropriam dos espaços públicos transformando-os, mesmo que efemeramente, em “lugares seus”.

Uma das características significativas para o conjunto dos resultados diz respeito à paradoxal tensão entre nomadismo e gregarismo. Os jovens oscilam entre “ser nômades” – ganhar a rua, atravessar a cidade, conhecer o mundo para além das fronteiras territoriais – e gregarismo – voltar para casa, buscar refúgio e segurança, reconstruir redes de sociabilidade (Borelli et alii, 2007). Das características nômades, destacam-se: o deslocamento espacial e geográfico ou (des)espacialização (Martín-Barbero, 2001); novas referências para uso das temporalidades – “nativos do presente” e/ou “multiculturalidade temporal” (Maffesoli, 2000), viver tempos de passagem, alternância momentânea, simultaneidades, (des)centramentos (Martín-Barbero, 1997b); e um tipo de nomadismo sensorial, apto a absorver fluxos, filtrar e aparar os “chocs” (Benjamin, 1989), a equacionar a vida cotidiana tensa e intensa, em especial em relação com a cidade e com as tradicionais e recentes mídias.

Uma outra importante referência para o conjunto dos resultados diz respeito à inclusão produtiva dos jovens ao mundo do trabalho. É possível detectar uma tendência: os jovens, principalmente os de poder aquisitivo e capital cultural elevados, têm permanecido na casa dos pais por mais tempo do que as gerações anteriores. Têm a oportunidade de prolongar o período de estudos, demoram a ingressar no mercado de trabalho⁹, relutam em assumir os compromissos e responsabilidades constitutivas do mundo adulto (relações afetivas mais duradouras, filhos) e acabam por usufruir uma série de vantagens inerentes a uma condição de vida dos setores sociais médios e altos¹⁰.

Entre os jovens de classes populares, entretanto, a continuidade dos estudos e o adiamento da entrada no mercado de trabalho formal ou informal passa a ser um horizonte de expectativas e não propriamente uma condição de vida concreta, passível de realização. Sabemos que o trabalho, para esses jovens e suas famílias, insere-se na vida cotidiana como uma necessidade, nem sempre

⁹ Segundo IBASE/PÓLIS (2005), dos jovens (15-24 anos) que informaram não estar trabalhando, 62,9% informaram estar à procura de trabalho. Se forem considerados, entretanto, o segmento social desses jovens observa-se que há uma significativa discrepância entre os mais ricos e os mais pobres. Enquanto os primeiros estendem sua entrada no mercado de trabalho os últimos procuram acelerar esta experiência. Assim, 69,5% jovens das classes D/E e 65,6 da classe C estavam procurando trabalho, enquanto 49,6% das classes A/B se encontravam na mesma situação.

¹⁰ O Dossiê Universo Jovem III, MTV (2005), revela que 71% dos jovens entre 15 a 30 anos têm pouca ou nenhuma vontade de sair da casa dos pais, apesar do índice já ter sido maior em 1999 (82%). O mesmo estudo ainda indica que 23% dos jovens da amostra estão casados e/ou vivem com companheiro(a), sendo que esse número cai para 7% se for considerada apenas a classe A.

acessível, e que a perspectiva de continuar estudando é desejável, mas ainda deveras remota¹¹.

A criminalização e o estigma da violência

Dentre os diversos aspectos que se apresentam à análise desta problemática, chama atenção, ao confrontarmos percepções correntes, representações midiáticas e as próprias narrativas juvenis, a tensão entre protagonismo e vitimização (Rocha, 1998; Rocha e Silva, 2008). Assim, embora as estatísticas brasileiras apontem claramente para a quantitativa vitimização de homens jovens por atos de violência criminal, cristalizou-se um imaginário social no qual se associa o segmento juvenil – em especial as classes populares – à condição de protagonistas da violência e, mais ainda, à constituição de uma ameaça indiscriminada a toda a sociedade. A criminalização da juventude toma a dimensão de verdadeiro estigma social. Perniciosamente, pode-se identificar em caminho complementar, a adoção por alguns jovens desta atribuição estigmatizadora como estratégia de afirmação de identidades assumidamente desviantes.

A noção de que a percepção e a prática da violência, no cotidiano, estão hoje irreversivelmente marcadas por um novo regime de organização e visibilidade, que se caracteriza pela constituição socializadora, midiaticizada e estetizada.

Além disso, a experimentação da violência encontra-se relacionada a outros fatores de conexão: às variações na conformação e percepção sobre vida e morte; às apropriações e (re)elaborações entre os universos documental e ficcional; à estetização da violência e cultura do risco; às dinâmicas de inclusão/exclusão; às funções de socialização e desintegração.

Consumo Cultural

O consumo foi concebido de maneira ampla: como escolhas e apropriações simbólicas; aquisição e uso de mercadorias; espaço para pensar e refletir, constitutivo e constituinte do imaginário juvenil; base para compreender suas concepções de vida e morte; e importante na definição dos estilos de vida e na estruturação das narrativas juvenis.

A relação consumo simbólico/vivência urbana explicitou-se por meio de um cotidiano de culto a mobilidade espacial e de circulação constantes em busca de atividades de lazer, nem sempre disponíveis em bairros de periferia.

As narrativas juvenis relacionaram consumo, exclusão e desigualdade e os jovens apresentaram, por vezes, uma acentuada percepção crítica sobre as dinâmicas da exclusão social que caracterizam uma cidade, como São Paulo, e uma sociedade, como a brasileira, marcadas por forte distinção de classe social. Contudo e paradoxalmente, os jovens criticavam a sociedade de consumo ao

¹¹ Segundo a mesma pesquisa IBASE/PÓLIS, e considerando a faixa etária, 60,6% dos jovens que têm entre 18 e 20 anos e 47,7% dos que têm 21-24 anos de idade não trabalham. Dos jovens entre 15-17 anos, idade destinada à escolarização, 22,2% estavam trabalhando.

mesmo tempo em que desejavam, via o próprio consumo, a inclusão econômica e sócio-cultural e o acesso aos bens materiais e simbólicos.

Um dos marcos significativos desta dinâmica de inclusão/exclusão situava-se na relação que se estabelecia entre os jovens e as tradicionais e novas tecnologias. A televisão, bastante criticada, ocupava – como ainda ocupa –, boa parte do tempo livre da vida doméstica cotidiana. A internet já se tornava um lugar de evidente convívio social, além de meio de comunicação e fonte privilegiada de informações; os celulares, jogos eletrônicos, RPGs, permitiram uma reflexão sobre absorção/dispersão da atenção, perda/redirecionamento das noções de espacialidade e temporalidade, equacionamento dos limiares entre real/virtual e as indagações permanentes sobre como este “mundo novo” dará conta dos processos de aprendizagem, da restituição das tradições, da memória e do passado, no torvelinho de um presente quase permanente.

O consumo também esteve vinculado aos “estilos pessoais”; visual e vestimentas considerados como expressões das singularidades, individualidades; possibilidade de manifestação de estilo próprio, capaz de desenvolver estratégias de aquisição como alternativa às imposições das mídias e dos padrões homogeneizadores. O corpo emergia como depositário de símbolos e de narrativas e, muitas vezes, adequado aos padrões de beleza: mais como rendição e menos como contraposição (tatuagem, *piercing*, cirurgias plásticas, bulimia).

Em síntese, o consumo articulava-se às condições de produção, sociabilidades, expressões das subjetividades, relações com as novas tecnologias, articulações entre local e global e, também, como espaço de interseção entre “cultura oficial” e “manifestações independentes”.

Confirmou-se o princípio de que os bens culturais consumidos pelos jovens apresentam-se como base significativa para a compreensão dos sentidos atribuídos a vida e a morte, mas também aos variados afetos, pertencas, expectativas existenciais, hábitos e práticas do dia-a-dia. Foram ainda mapeadas as dinâmicas de apropriação dos bens culturais e seu papel na definição de estilos de vida, identificando de que maneira os elementos da produção e do consumo cultural estruturaram seus relatos sobre a vida cotidiana.

Concepções de vida e morte

As concepções de vida e morte explicitaram-se nas relações que os jovens estabeleciam com as peculiaridades da experiência urbana contemporânea; com o papel das mídias na vida cotidiana dos jovens e de suas famílias; com os espaços e tempos de socialização; com o desenvolvimento de novas formas de sensibilidade; e, ainda, com as variadas expressões místico-religiosas tão fortes e marcantes no cenário de diversidade cultural e religiosa, de uma cidade múltipla e diversa como São Paulo.

Para finalizar o relato referente à primeira etapa dos trabalhos de investigação sobre jovens urbanos, observa-se que ela nos permitiu consolidar e a divulgar¹² uma reflexão acadêmica no diálogo e na fronteira com a produção do conhecimento nos campos das ciências sociais, em especial da antropologia, assim como da comunicação; ressaltam-se, ainda, outras interlocuções de caráter bissexto com a temática da juventude nas áreas da educação, psicologia e serviço social – esta última, via produção de material dirigido à implantação de políticas públicas, em nível federal, voltadas para a juventude e a adolescência (Borelli et alii, 2007).

¹² Informamos que alguns resultados parciais desta etapa inicial de investigação já se encontram disponíveis, assim como outros desdobramentos relacionados à temática dos jovens e das juventudes: Borelli (2006, 2007, 2008); Borelli e Rocha (2003, 2004, 2005, 2008); Borelli e Freire Filho (2008); Borelli e Oliveira (2008); Borelli, Oliveira, Rocha et alii (2009).

Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail (1981). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- BAKHTIN, Mikhail (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC, Brasília: Ed. da Univ. de Brasília.
- BAKHTIN, Mikhail (1992). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- BAKHTIN, Mikhail (1993). *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Unesp/Hucitec.
- BENJAMIN, Walter (1989). *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões e RAMOS, José Mario Ortiz (1985). "Os office-boys e a metrópole: lutas, luzes e desejos". In: *Desvíos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. nº. 4.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões (2000). "Jovens em São Paulo: lazer, consumo cultural e hábitos de ver TV". In: *Nômadias. La singularidad de lo juvenil*. Bogotá: DIUC. nº 13.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões et alii (2007). "Jovens, juventudes". In: *ProJovem Adolescente*. Instituto de Estudos Sociais (IEE/PUCSP)/Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome (MDS). Secretaria Nacional de Assistência Social. Departamento de Proteção Social Básica. São Paulo/Brasília. www.mds.gov.br/suas/guia_protecao/projovem/caderno_de_concepcao.pdf/view e www.mds.gov.br/suas/guia_protecao/projovem/concepcao_teorica_e_fundamentos.pdf/view.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões; ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves, et alii (2009). *Jovens na cena metropolitana: percepções, narrativas e modos de comunicação*. São Paulo: Paulinas (livro no prelo).
- CERTEAU, Michel de (1994). *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- CERTEAU, Michel de (1995). *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus.
- CUBIDES, Humberto J.; TOSCANO, Maria C. L.; VALDERRAMA, Carlos E. H. (orgs.) (1998). *Vivendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor (1990). *Culturas híbridas*. México: Grijalbo.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor (1995). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- GRAMSCI, Antônio (1986). *Literatura e vida nacional*. São Paulo: Civilização Brasileira.
- GRAMSCI, Antônio (2000). *Cadernos do Cárcere. Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques (ed). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- HOGGART, Richard (1973). *As utilizações da cultura*. Lisboa: Editorial Presença.
- IBASE/POLIS (2005). *Juventude brasileira e democracia: participação esferas e políticas públicas* – Relatório Final. Novembro. <http://www.polis.org.br>.
- LOPES, M. Immacolata Vassalo; BORELLI, Sílvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha (2002). *Vivendo com a telenovela. Mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo: Summus.
- MAFFESOLI, Michel (1987). *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- MAFFESOLI, Michel (2000). "Nomadismo juvenil". *Revista Nômadias*. Bogotá: DIUC, nº 13, out.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (1997a). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e comunicação*. Rio de Janeiro: UFRJ.

- MARTÍN-BARBERO, Jesús (1997b). "A cidade virtual – transformações da sensibilidade e novos cenários da comunicação". In: *Margem*. São Paulo: EDUC/FAPESP, nº 6, dez.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (1998). "Arte/comunicação/tecnicidade no final do século". In: *Revista Margem*. São Paulo: EDUC/FAPESP, nº. 8, dez.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán (2001). *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: SENAC.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús (2004). *Ofício de cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola.
- MORIN, Edgar (1975). *O enigma do homem*. Rio de Janeiro, Zahar.
- MORIN, Edgar (1976). *O homem e a morte*. Lisboa, Portugal: Europa-América.
- MORIN, Edgar (1984). *Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo 1. Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (2006). "Culturas juvenis na metrópole: cultura audiovisual, formas de expressão e consumo simbólico". In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). *Desigualdade social e diversidade cultural na infância e juventude*. São Paulo: Cortez.
- REGUILLO, Rossana (1998). "El año dos mil. Ética, política e estéticas: imaginarios adscripciones y prácticas juveniles. Caso mexicano". In: CUBIDES, Humberto J.; TOSCANO, Maria C. L.; VALDERRAMA, Carlos E. H. (orgs.). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC.
- ROCHA, Rosamaria Luiza (Rose) de Melo (1992). *A vertigem do olhar. Manifestações graffitadas e transformações na comunicação, no espaço e no tempo urbanos*. São Bernardo do Campo: IMS. Dissertação de mestrado.
- ROCHA, Rosamaria Luiza (Rose) de Melo (1998). *Estética da violência. Por uma arqueologia dos vestígios*. São Paulo: ECA/USP. Tese de doutorado.
- ROCHA, Rosamaria Luiza (Rose) de Melo e SILVA, Josimey Costa (2008). "Cultura juvenil, violência e consumo: representações midiáticas e percepções de si em contextos extremos". In: BORELLI, Sílvia Helena Simões; FREIRE FILHO, João. (2008). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ.
- SPOSATI, Aldaíza (coord.) (2000). *Mapa da Exclusão/Inclusão Social da cidade de São Paulo/2000*. São Paulo.
- WILLIAMS, Raymond (1992). *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- WILLIAMS, Raymond (1997). *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar.